

acusados de serem imorais, ~~pornográficos~~, comunistas, irreligiosos, subversivos, maus, antissociais, dissolventes, anarquistas ou

**P**  
Público

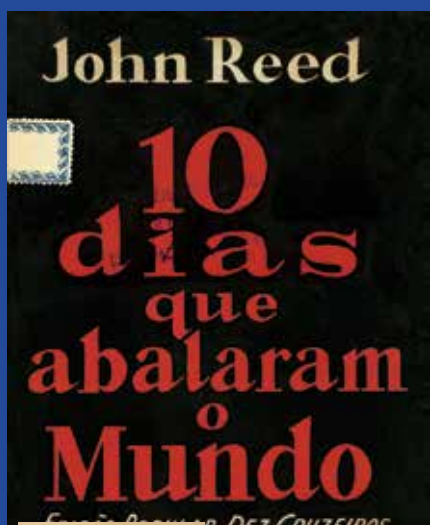
## Colecção Biblioteca da Censura

"Imoral", "comunista" e "pornográfico" eram as palavras-chave. Entre 1934 e 1974, os Serviços de Censura do Estado Novo censuraram milhares de livros e produziram mais de 10 mil relatórios de leitura. A nova colecção *Biblioteca da Censura* publicada pelo PÚBLICO e A Bela e o Monstro, associa-se à Biblioteca Nacional de Portugal no âmbito da exposição "Obras Proibidas e Censuradas no Estado Novo", comissariada por Álvaro Seiça, Luís Sá e Manuela Rêgo, para levar até si as obras retiradas de circulação durante o regime. Durante dois anos, ao ritmo de um livro por mês, sairão 25 títulos para comemorar os 50 anos do 25 de Abril de 1974. São 25 volumes, nas suas edições originais e em versão fac-símile, originalmente editados durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, cada um acompanhado do respectivo relatório oficial de censura. Descubra as "perigosas" razões que levaram a censura a proibir estes autores.

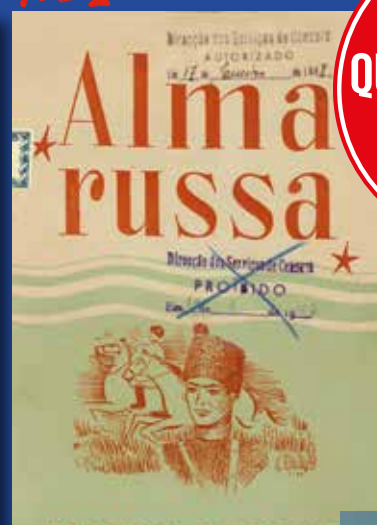
# BIBLIOTECA DA CENSURA

Obras Apreendidas e Proibidas no Estado Novo

VOL 1  
EMBANCA  
POR +9€



Vol 2



+9€  
QUARTA 25 MAIO  
COM O PÚBLICO  
**P**

25 LIVROS  
25 MESES  
AO DIA 25



As obras apresentadas são possíveis de sofrer alteração

Este projeto beneficiou de financiamento do Programa-Quadro de Investigação e Inovação Horizonte 2020 da União Europeia ao abrigo da convenção de subvenção Marie Skłodowska-Curie n.º 793147\_ARTDEL. <https://artdel.net>

50  
X2  
DE  
MO  
CRA  
CIA  
25  
DE  
ABRIL

A BELA E O  
MONSTRO

RTP

Ephemera  
Associação Cultural

BNP  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

1  
ANTENA



# PARA QUE NÃO SE REPITA

## “SERÃO DOIS ANOS, MÊS A MÊS, DE LIBERTAÇÃO”

Durante 40 anos, a censura do Estado Novo produziu mais de 10 mil relatórios aos livros que circulavam em território nacional. A colecção *Biblioteca da Censura* recupera, em versão fac-similada, 25 obras que a censura proibiu e mutilou, 25 raros artefactos que contam histórias sobre o controlo da vida cultural desse período.

“Embora a censura se tivesse constituído com a Ditadura Militar de 1926, foi durante o Estado Novo que estes serviços ampliaram e cimentaram um cerrado controlo, vigilância e repressão a escritores, editores, distribuidores e livreiros. A partir de 1934, os Serviços de Censura, com a colaboração da polícia política, que apreendia exemplares nas livrarias, editoras e em rusgas domiciliárias, iniciaram uma terrível campanha de silenciamento da palavra impressa, mas também das artes, cinema, teatro e todas as áreas da informação, incluindo os jornais, a rádio e, mais tarde, a televisão. Durante quarenta anos, os censores salazaristas e marcelistas redigiram mais de 10 mil relatórios de leitura a livros de autores portugueses, estrangeiros e em tradução para língua portuguesa”. Agora que o número de dias vivido em democracia já ultrapassou os vividos em ditadura e que se iniciaram as celebrações dos 50 anos da Revolução de Abril, é fundamental olhar para trás e recuperar as vozes de tantos que se viram silenciados. É neste contexto de reflexão sobre o passado e de celebração da liberdade que surge a colecção *Biblioteca da Censura*, que agora é editada. Durante 25 meses, sempre a dia 25 de cada mês, até 25 de Abril de 2024, com o PÚBLICO. Fruto de uma parceria com A Bela e o Monstro e com o apoio da RTP, esta nova colecção de livros fac-similados resulta de uma selecção de exemplares recuperados após o assalto da população, em 26 de Abril de 1974, à última sede dos Serviços de Censura, em Lisboa, e que estão hoje depositados na Biblioteca Nacional de Portugal. “A Biblioteca dos Serviços de Censura era o próprio arquivo dos censores, que a usavam como referência, no caso de haver reclamações, pedidos de reedição ou tradução de livros importados. Tratava-se, portanto, de uma biblioteca de consulta privada e secreta, compilada precisamente para que os livros temidos pelo regime não fossem lidos. No fundo, para que ninguém soubesse que alguma vez

chegaram sequer a existir. Foi, assim, uma ‘antibiblioteca’”, explica Álvaro Seça, autor e investigador do Centro de Literatura Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que comissaria a colecção. “Pela primeira vez, 25 obras originalmente cortadas pelos censores do Estado Novo são reimpressas tal como a ditadura as deixou: marcadas, carimbadas e encarceradas em gabinetes burocráticos. Hoje podemos ler os relatórios que os censores produziram internamente. As suas análises revelam um rol de adjetivos impiedosos. Os seus critérios de exame moral, político e social baseavam-se na ideologia do regime, cuja doutrina era corporativista, nacionalista, anticomunista, colonialista, imperialista, católica, patriarcal e heteronormativa. Assim, três dos grandes focos de obsessão dos censores foram a ‘imoralidade’, o ‘comunismo’ e a ‘pornografia’. Descreviam os livros ‘inconvenientes’ como sendo demasiado realistas, tendo ‘aspectos comunizantes’, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950 em que fustigaram a literatura neorealista. A par destes tópicos, as mulheres foram também perseguidas e silenciadas. O intuito do regime era impedir os direitos das mulheres e a sua emancipação”, resume Álvaro Seça. Procurando evitar a circulação de livros que consideravam “imorais, pornográficos, comunistas, irreligiosos, subversivos, maus, antissociais, deseducativos, dissolventes, anarquistas e revolucionários”, os censores rasuraram, cortaram e mutilaram tanto obras sem grande relevo como outras que são hoje clássicos da literatura mundial. *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed, a obra escolhida para inaugurar a colecção *Biblioteca da Censura* é um exemplo deste último cenário, mas durante os próximos meses não faltarão outras que marcaram a literatura nacional e internacional. A colecção *Biblioteca da Censura* apresenta 25 volumes que o regime quis ocultar e que guardou secretamente para que ninguém os lesse. “É, portanto, um gesto democrático fazer reemergir o que a ditadura submergiu, com as rasuras que deixou e os traumas que encerrou. Restituir ao público o que o público não leu é um ato de ‘descensura’, de devolução dos livros que a ditadura suprimiu da vida intelectual e cultural durante quase meio século”, conclui Álvaro Seça. “Serão dois anos, mês a mês, de libertação”.

## AS OBRAS FECHADAS SAEM À RUA

“A aparência vale a realidade”. Era a linha orientadora dada por António de Oliveira Salazar e incluía a censura aplicada a todas as formas de manifestação de ideias, opiniões e pensamentos. O “Lápis Azul”, como ficou conhecida a censura durante o regime do Estado Novo, suprimia, alterava, cortava palavras, expressões ou parágrafos inteiros e ainda adiava ou impedia a saída de notícias. Instaurada depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926, a censura previa foi regulada de forma mais concreta com a alteração do artigo 20 da Constituição que declara que “leis especiais regularão o exercício da liberdade de pensamento”. Corria o ano de 1933. A lei previa que os artigos para publicação fossem declarados “autorizado”, “autorizado com cortes”, “suspenso”, “demorado” ou “proibido”. O processo era simples. Os censores, depois de terminarem a leitura do artigo, elaboravam um relatório com a sua opinião (pessoal) fundamentada. A decisão final ficava a cargo do director dos Serviços de Censura. A 14 de Maio de 1936, a fundação dos jornais foi regulada e proibiu-se a publicação de publicidade oficial do Estado em alguns deles. Seguiram-se as músicas e peças de teatro, que foram interditas de subir ao palco. O país estava amodadoço e assim

continuou durante os 38 anos que se seguiram. “É a medo que eu escrevo. A medo penso / A medo soufro e empreendo e calo. / A medo peso os termos quando falo. / A medo me renego, me convenço”, escreveu José Cutileiro no seu poema “Os Medos”. Uma lista compilada pelo investigador José Brandão conta mais de 900 obras proibidas, de edição portuguesa, durante a ditadura. Já a Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista afirmou, em 1981, que durante o regime de Salazar e Caetano foram proibidas cerca de 3300 obras. No entanto, esta lista é incompleta. Não só publicações portuguesas foram censuradas; também muitos livros estrangeiros foram interditos, não podendo sequer ser referidos na comunicação social portuguesa. John Reed ou Joseph Conrad, presentes na colecção, foram alguns dos autores censurados. Politicamente, Karl Marx foi um dos autores mais perseguido, seguido de Lenine e Engels. Alguns jornalistas conseguiam contornar o facto atribuindo nomes de baptismo: Lenine era Ulianov. Também o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, era identificado com o pseudónimo António Vale ou com as iniciais A.C. A lista da censura incluía também autores menos óbvios, como D.H. Lawrence, Nietzsche ou Jorge

Amado, cujo *Capitães da Areia* foi considerado uma “desbragada imoralidade, antissocial e revolucionário, essencialmente pré e pós-comunista”. Ainda assim, em determinadas livrarias era possível adquirir os livros proibidos, escondidos e vendidos apenas a clientes de confiança. Quase 50 anos depois, os livros da colecção *Biblioteca da Censura* “mostram os traços deixados pelos seus leitores autoritários: carimbos, datas, sublinhados e cortes a lápis azul e vermelho”, explica Álvaro Seça, coordenador da colecção. “E o que é que os censores cortavam? Cortavam ficção e poesia, cortavam ensaio e teatro. Cortavam obras de literatura, ciência política, história, geografia, economia, filosofia, sociologia, música, belas-artes, cinema, educação, religião e, claro, livros sobre sexualidade, literatura erótica e pornográfica. Cortavam livros de adversários políticos, de laureados do Prémio Nobel de Literatura, como Jean-Paul Sartre, mas também um ex-Presidente da República Portuguesa, Manuel Teixeira Gomes, e um Ministro da Cultura francês, André Malraux, antes e após o seu mandato. Cortavam obras que hoje são clássicas da literatura, mas também obras sem grande relevo”. São estes mesmos livros que o PÚBLICO agora edita. Para que não nos esqueçamos que as palavras já foram proibidas.

~~imondis~~

~~pornográficos~~

~~comunistas~~

~~irreligiosos~~

~~subversivos~~

~~maus~~

~~antissociais~~

~~dissolventes~~

~~anarquistas~~

~~revolucionários~~

~~marxistas-leninistas~~

~~eróticas~~

~~educação sexual~~

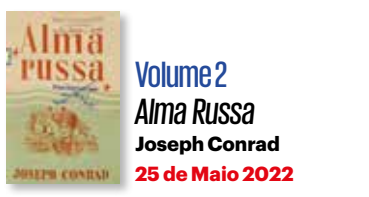
~~literatura neorealista~~

## A COLECÇÃO



**Volume 1**  
*10 dias que abalaram o Mundo*  
**John Reed**  
**EM BANCA**

John Reed, jornalista norte-americano e militante socialista, testemunhou a revolução bolchevi-que de 1917. Fechou-se num quarto com uma pilha de jornais, um dicionário para o auxiliar, já que não dominava o russo, e em três semanas produziu a narrativa mais viva da revolução que inspirou pessoas por todo o mundo. O livro fora proibido ainda antes de Salazar chegar ao poder, mas os seus Serviços de Censura mantiveram a proibição em 1937 e 1945. Já publicado, *10 dias que Abalaram o Mundo* foi a obra escolhida para inaugurar a colecção *Biblioteca da Censura*.



**Volume 2**  
*Alma Russa*  
**Joseph Conrad**  
**25 de Maio 2022**

O romancista polaco-britânico Joseph Conrad teceu uma narrativa sobre espionagem e movimentos revolucionários ainda na Rússia czarista. Contudo, o censor salazarista considerou que se tratava de “um livro de propaganda revolucionária (...) que deve ser proibido porque este e muitos outros livros que pejam o nosso mercado têm o fim inconvenientíssimo de alimentarem a mística russa”. A editora da tradução portuguesa, a Civilização, protestou. A capa do livro levou mais um golpe por cima de “proibido” e um novo carimbo, “autorizado”, em 1948.



**Volume 3**  
*Cerromaior*  
**Manuel da Fonseca**  
**25 de Junho 2022**

Natural de Santiago do Cacém, que imortalizaria na sua obra *Cerromaior*, Manuel da Fonseca foi um dos escritores cimeiros do neo-realismo português. Na leitura do romance, o censor concordou com a descrição da desigualdade social portuguesa, mas no seu parecer colocou reservas: “Não o julgo com possibilidades de ser autorizado. Sem defender ou atacar qualquer tese ou preceito social, apresenta ao leitor factos concretos que revelam profundas deficiências da estrutura social, entre nós. A vida dura e miserável do trabalhador rural alentejano, a carência ao mesmo de assistência social, a indiferença do abastado pelo humilde que trabalha em seu proveito”.



**Volume 4**  
*Comunicação*  
**Natália Correia**  
**25 de Julho 2022**

O poema dramático *Comunicação* (1959), publicado pela irreverente Contraponto de Luiz Pacheco, foi apreendido pela PIDE e apreciado pelo ofício censório deste modo: “A Autora quer referir-se, julgo, à condenação à morte da Poesia, no País. O introito, a forma derrotista como apresenta o Poema (felizmente não na integral), a sensualidade, a libertinagem e a falta de senso moral bem verificados, le-vam sem sombra de dúvida, a não autorizar a sua circulação”. Natália Correia foi uma das escritoras mais perseguidas pela ditadura, tendo o seu correio constantemente violado e processos em tribunal pela sua actividade literária.



**Volume 5**  
*A Condição Humana*  
**André Malraux**  
**25 de Agosto 2022**

Aquela que é apontada como a obra-prima do escritor e político francês André Malraux valeu-lhe o Prémio Goncourt, em 1933. Situada no contexto da revolução comunista de 1927, em Xangai, *A Condição Humana* seria proibida em Portugal em 1948, nesta tradução da editora brasileira Mundo Latino, e em 1949, numa edição importada da Gallimard, por ser “um eficiente meio de propaganda comunista [que] também ministra os ensinamentos da guerra das ruas, do atentado à bomba, da sabotagem, etc”. O censor rematou: “informo que é absolutamente perigosa a sua venda ao público”.



**Volume 6**  
*Romances do Mar*  
**Bernardo Santareno**  
**25 de Setembro 2022**

O médico e escritor português Bernardo Santareno é recordado pela sua obra dramaturgíca ímpar. No entanto, começou pela poesia, com três títulos hoje quase esquecidos, um dos quais sofreu morte censorial. As preocupações com a dureza do trabalho e as precárias condições de vida dos pescadores exaltou o censor, que à falta de tacto, cortou um poema inteiro, “Romance do Pescador Velho”, ao longo de quatro páginas rasuradas a lápis azul. Ditou: “Versos maus, doentios, irreligiosos, anti-sociais e imorais, numa palavra, deseducativos”. O livro foi autorizado com cortes em 1955 e nunca chegou a ter uma segunda edição.



**Volume 7**  
*Esteiros*  
**Soeiro Pereira Gomes**  
**25 de Outubro 2022**

Com capa e ilustrações de Álvaro Cunhal, o romance *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, foi autorizado a circular em 1942, após leitura pelo próprio director dos Serviços de Censura, mas proibido quase trinta anos depois em Angola. Ao avaliá-lo em 1966, relatou o censor: “É um romance regionalista de análise crítica da vida miserável das populações ribeirinhas do Rio Tejo, na zona das Lezírias, fazendo realçar a injustiça, a exploração da miséria, resultado das desigualdades sociais, no que o livro não é justo, mas antes especula. (...) Julgo por isso que este livro deveria ter sido proibido quando apareceu, mas agora deve ser ignorado, pois que a proibição agora só servia à sua propaganda no nosso meio, que o poderia ignorar”.



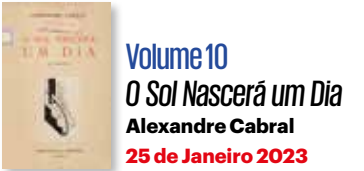
**Volume 8**  
*São Jorge dos Ilhéus*  
**Jorge Amado**  
**25 de Novembro 2022**

O escritor e militante do Partido Comunista Brasileiro Jorge Amado é uma figura maior da literatura mundial. Em *São Jorge dos Ilhéus* o autor aborda a miséria no cultivo do cacau no Brasil, assim como as relações sociais e políticas de exploração laboral. O romance mereceu dois relatórios de leitura. Em 1969, dezoito anos após a sua proibição, era levantada a interdição por negação da afiliação partidária e realce das qualidades literárias da obra, que “descrev[ia] primorosamente a vida nas roças e na cidade, com todas as suas misérias e grandezas”. Afinal, o autor não é comunista, retratava o relatório.



**Volume 9**  
*Sete Odes do Canto Comum*  
**Orlando da Costa**  
**25 de Dezembro 2022**

Após dois volumes publicados na mesma colecção, o poeta Orlando da Costa dedicou sete odes a várias personalidades que o regime salazarista considerou “inconvenientes”, despertando a atenção censória: “Sete poesias de índole pacifista e comunista, e dedicadas a pessoas que professam ideias comunistas”. A PIDE foi à tipografia e apreendeu a obra. Os Serviços de Censura ficaram sentados e proibiram os três livros do autor. A obra surge na colecção de poesia “Cancioneiro Geral”, publicada pela cooperativa Centro Bibliográfico, à qual, num só dia, a PIDE apreendeu onze volumes, dos quais seis proibiu.



**Volume 10**  
*O Sol Nascerá um Dia*  
**Alexandre Cabral**  
**25 de Janeiro 2023**

Esta segunda edição deste livro de contos de Alexandre Cabral, editada agora com o PÚBLICO, foi publicada pela Portugália com desenho de capa do artista José Dias Coelho, que viria a ser assassinado em 1961 pela PIDE, numa rua de Alcântara. Segundo o autor, quer a segunda, quer a primeira edição foram apreendidas e proibidas. O censor considerou que tal se justificava por ser “um livro francamente mau, menos pelo estilo do que pela natureza dos assuntos que trata. O problema sexual, em alguns contos, toma aspecto excessivamente realista e mesmo imoral. Não é livro aconselhado para leitura”.



**Volume 11**  
*Famintos...*  
**Carmen de Figueiredo**  
**25 de Fevereiro 2023**

Carmen de Figueiredo foi uma das escritoras silenciadas pela ditadura salazarista, que se opunha aos direitos da mulher e à sua emancipação social e sexual. A autora teve uma produção literária vertiginosa num curto espaço de tempo. O seu romance *Famintos* foi acusado, pelo Presidente da Comissão de Censura do Porto, de conter “acidentes trágicos, revelando caracteres mórbidos, aberrações sexuais e outras taras. Com presenças a obra realista, relata casos amorais e até amores incestuosos, com descrição de imoralidades doentias”.



**Volume 12**  
*Viagem*  
*(Checoslováquia – U.R.S.S.)*  
**Graciliano Ramos**  
**25 de Março 2023**

O escritor brasileiro Graciliano Ramos também esteve debaixo da mira censória por pertencer ao Partido Comunista Brasileiro. Apesar de não se ter localizado o relatório de leitura desta obra póstuma publicada no Rio de Janeiro pela Livraria José Olympio, pelo processo de livro e pela temática do itinerário comunista não é difícil perceber por que motivo foi proibido pelos Serviços de Censura portugueses em 1955. Dias depois da proibição, os quatro volumes de *Memórias do Cárcere* foram propostos a proibição, por se tratar de um escritor “conhecido pelas suas tendências comunistas”. No entanto, o censor-mor autorizou.

Relatórios n.º 3013 e 4825, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTI), Secretariado Nacional de Informação, Censura

# A COLEÇÃO



**Volume 13**  
**Duas Conferências em Defesa da Paz (1950) e Congresso Mundial de Mulheres (1945)**  
**Maria Lamas e Teixeira de Pascoaes**  
**25 de Abril 2023**

O activismo político e feminista foi duramente suprimido pelo regime. Esta questão percebe-se pela proibição flagrante de um título historicamente importantíssimo, *Congresso Mundial de Mujeres*, publicado no Rio de Janeiro (1945), que compilava depoimentos de um conjunto internacional de delegadas num congresso em Paris “contra o fascismo, pela paz, pela democracia e pela defesa dos direitos da mulher”. Em Portugal, Maria Lamas e Teixeira de Pascoaes, ao publicarem *Duas Conferências em Defesa da Paz* (1950), sofreram também a proibição do seu opúsculo, mas tal não foi suficiente. Maria Lamas foi encarcerada e a editora e organização, a Associação Feminina Portuguesa para a Paz, seria desmantelada pela ditadura.



**Volume 14**  
**Sábado sem Sol**  
**Romeu Correia**  
**25 de Maio 2023**

Romeu Correia, escritor e dramaturgo natural de Almada, viu em poucos meses o seu livro de contos de teor neo-realista apreendido pela PIDE, à Biblioteca da Sociedade Democrática União Barreirense, após denúncia de um informador. O censor salazarista sentenciou: “Este livro de contos é, de um modo geral, bastante mau, porque aproveita a mais pequena oportunidade para focar a questão social”. No entanto, sugeriu o corte total dos contos “Chegou o Carvoeiro” e “Sempre Menino”, bem como “os n.ºs 3 e 5 da ‘Novela Interrompida’ (pág. 125) e várias frases mal sonantes, duma moral bastante duvidosa.” O livro terminou proibido, mas o censor fez ainda um último reparo: “não sei a quem possa interessar semelhante livro”.



**Volume 15**  
**Estrada Nova**  
**Papiniano Carlos**  
**25 de Junho 2023**

De entre os poetas censurados pela ditadura, Papiniano Carlos foi especialmente castigado. Foi preso inúmeras vezes pela PIDE pelas actividades políticas ligadas ao Partido Comunista Português e às viagens clandestinas que fez em sua representação, por exemplo, ao Congresso Mundial das Forças da Paz, em Moscovo (1973). Três dos seus livros de poemas e contos foram proibidos: *Estrada Nova: Caderno de Poemas* (1946), *As Flores e os Ventos: Contos e Poemas* (1952) e *Caminheiros Serenos: Poemas* (1957). *Estrada Nova*, com capa exemplar de Júlio Pomar, foi proibido “pela sua índole comunista e pelo seu manifesto derrotismo”.



**Volume 16**  
**Amanhã quando Romper o Dia**  
**Barata Dias**  
**25 de Julho 2023**

Barata Dias foi um escritor natural de Vila Nova do Ceira, em Góis. A Biblioteca Nacional de Portugal lista oito livros de ficção da sua autoria, contos, mas sobretudo romances, dos quais sete foram publicados na década de 1940. Há pouca informação disponível sobre este autor, que chegou a ser comerciante em Lisboa. Entre 1946 e 1947, publicou dois romances de teor neo-realista: *Amanhã quando Romper o Dia* (1946), com capa forte de António Domingues, e *Alqueive: Romance de um Cavador* (1947), ambos compostos na Gráfica Santelmo, apreendidos pela PIDE e proibidos pela censura salazarista em 1947.



**Volume 17**  
**Bloco: Teatro, Poesia, Conto**  
**25 de Agosto 2023**

O décimo sétimo volume da coleção traz uma antologia organizada por Luiz Pacheco e Jaime Salazar Sampaio que contém textos de géneros diversos de autores portugueses muito jovens que se viriam a revelar nas décadas seguintes, como José Cardoso Pires, Mário Ruivo, Ferro Rodrigues, Maria Natália Duarte Silva ou Matilde Rosa Araújo. O censor não perdoou a façanha: “é altamente inconveniente e deve (...) ser mandado apreender com urgência, para que se consigam ainda alguns exemplares e se diminua o mais possível o mal já feito. A começar pelo aspecto da capa e passando por uma gravura que tem a pgs. 59 com uma foice e um punho fechado, o texto é tudo quanto há de inconveniente, pelo seu mau aspecto social”.



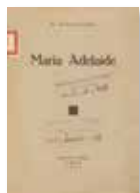
**Volume 18**  
**As Moscas**  
**Jean-Paul Sartre**  
**25 de Setembro 2023**

O escritor francês Jean-Paul Sartre, que recebeu e recusou o Prémio Nobel de Literatura em 1964, teve mais de uma dezena de obras proibidas, assim como a escritora e sua companheira Simone de Beauvoir. Contudo, a peça de teatro *As Moscas*, que reimagina a trilogia *Oresteia* de Ésquilo, teve um despacho invulgar: “Visto – Tolera-se a obra”. Segundo o relatório, trata-se de “uma tragédia em três actos, em que se defende o princípio da liberdade humana e que contém várias passagens esclarecedoras da filosofia existencialista”.



**Volume 19**  
**Encontro: Antologia de Autores Modernos**  
**25 de Outubro 2023**

Nova antologia apreendida pela PIDE e proibida pela censura salazarista, desta feita organizada por Carlos F. Barroso, Correia Alves e Júlio Gesta, com textos inéditos de Eugénio de Andrade, Federico García Lorca, José Fernandes Fafe, Luís Francisco Rebello e Miguel Torga. Com capa de Augusto Gomes, contém ainda traduções de André Gide, Henri Lefebvre, Pablo Neruda, René Leibowitz e Walt Whitman. Este diálogo de autores tem a particularidade de evidenciar a importância das obras de Lorca e Neruda na escrita de várias gerações de autores portugueses. A sentença censória não podia ser mais clara: “A esta ‘Antologia de Autores Modernos’ melhor se lhe podia chamar ‘Antologia de autores comunistas, comunistoides ou comunizantes’”.



**Volume 20**  
**Maria Adelaide**  
**Manuel Teixeira Gomes**  
**25 de Novembro 2023**

Manuel Teixeira Gomes foi não só escritor, mas também Presidente da República Portuguesa (1923-25), tendo-se exilado na Argélia após o golpe da Ditadura Militar de 1926. O seu livro *Novelas Eróticas* (1935) foi autorizado pela censura salazarista só em 1960, aquando da edição da Portugália, mas “sob a condição de apenas ser publicado em tiragem fora do mercado”. Já o romance *Maria Adelaide*, publicado pela Seara Nova em 1938, seria proibido

pelo próprio director dos Serviços de Censura, sem revelar motivos pelos quais a camponesa Adelaide não poderia ser personagem de ficção em Portugal. Os sublinhados são inequívocos: passagens eróticas, descrições do corpo feminino e contexto social de pobreza. O livro viria a ser autorizado em 1957.



**Volume 21**  
**O Anti-Christo**  
**Friedrich Nietzsche**  
**25 de Dezembro 2023**

Publicada no original em 1888 e, em tradução portuguesa pela Guimarães, em 1916, na sua Coleção “Sociologica”, *O Anti-Christo* é uma das mais emblemáticas obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Debaixo da influência poderosa da Igreja e da matriz cristã e católica nacionalista, o livro foi proibido trinta e seis anos depois por ser uma “obra anti-católica sobrejamente conhecida para dispensar detalhes explicativos. É, de resto, às obras deste teor que o comunismo vai buscar as raízes das suas doutrinas dissolventes”.



**Volume 22**  
**À Boca Pequena**  
**Maia Alcoforado**  
**25 de Janeiro 2024**

Com capa de Cunha Barros e caricatura de Antunes, este livro de contos de Maia Alcoforado foi considerado “vulgar” pelo Presidente da Comissão de Censura do Porto, já que “se leva um pouco longe as ‘piadas’ pesadas e de mau gosto (...) do padre sertanejo. Contudo parece-me que o livro poderia circular se o seu prefácio de 3 páginas não fosse o relato rancoroso, com intuítos políticos nitidamente legíveis das muitas terras por onde andou o autor fugido, em Portugal, à Polícia Política, pela sua atividade relativamente recente contra o Estado Novo. Por informação a esta Comissão prestada pela P.V.D.E. soube-se ter o autor (...) ‘Grande’ Cadastro político naquela polícia”.



**Volume 23**  
**O Manuscrito na Garrafa**  
**Daniel Filipe**  
**25 de Fevereiro 2024**

O escritor cabo-verdiano Daniel Filipe, próximo da poética de testemunho e resistência de Egito Gonçalves e co-organizador dos

fascículos *Notícias do Bloqueio*, teve a sua obra marcada pelo exílio, pela oposição a Salazar e pela perseguição pela PIDE. No relatório de leitura da novela, o censor rematou: “Trata-se de um livro inconveniente, sob os aspectos político, social e moral”. Refere, ainda, mais de vinte páginas com passagens que iriam assinaladas. O livro que se resgatou da Biblioteca da Censura terá sido um exemplar adicional arquivado, já que não possui quaisquer anotações, registado na lombada ou carimbos.



**Volume 24**  
**O Carnaval da Morte**  
**Albano Negrão**  
**25 de Março 2024**

Esta novela de Albano Negrão, com capa cinematográfica de Ramos Ribeiro e subtitulada *Drama de Guerra 1914-18*, foca o contexto bélico da Primeira Guerra Mundial. Foi classificada como “Obra Proibida” e retirada da leitura na Biblioteca Nacional, sendo também proibida pelos Serviços de Censura logo com o relatório n.º 2, em 13 de Março de 1934, “por ser essencialmente de propaganda contra a guerra e anti-religiosa, não perdendo o ensejo de democraticamente bater nos santos e nos padres”.



**Volume 25**  
**A Próxima Revolução**  
**Leão Tolstói**  
**25 de Abril 2024**

Um dos livros menos conhecidos do eminente ficcionista russo Leão Tolstói, *A Próxima Revolução* é um ensaio de não-resistência cujo prefácio foi capa do *New York Times* em 1909, tendo sido traduzido para português no ano anterior e publicado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho. Contudo, só seria proibido em Portugal quase meio século depois. O censor estava ciente do problema, mas desfigurou o tema: “Embora este livro tenha decerto a sua divulgação feita pois a sua publicação data de 1908, julgo que actualmente não deve ser permitido por ser um livro de franca propaganda à revolução Russa que instituiu o Comunismo”.

COMPRE  
AQUI

